

Idolatria e distopia: O anti-reino que distorce a história *

Matheus da Silva Bernardes[†]

Resumo

Um tema, que perpassa as páginas do Antigo Testamento especialmente dos livros proféticos é a denúncia contra a idolatria. Todas as vezes em que o Povo se afastava da Aliança com o Deus único e verdadeiro, sobretudo a causa de injustiça e opressão contra os empobrecidos, a voz dos profetas se levantava e mostrava que no lugar de um culto ao Deus da vida, o que Israel estava realizando era culto a ídolos de crueldade e morte. A mesma dinâmica aconteceu na vida de Jesus de Nazaré que, ao ensinar e realizar a verdadeira adoração ao Pai (Jo 4,24; Mt 25,31-46), foi oferecido como vítima de um rito macabro: a morte de cruz. Entretanto, com sua vida e, principalmente, sua morte, Jesus de Nazaré desmascarou e venceu a idolatria e colocou o ser humano dentro de um horizonte utópico: o anúncio do Reino de Deus. O principal ídolo desmascarado por Jesus foi *mamon*: “*Não podeis servir a Deus e ao dinheiro*”, afirma lapidarmente (Mt 6,24b). Não estaria *mamon* sendo reverenciado na atualidade? Não estaria sendo posto no lugar de Deus? Não estaria ele distorcendo a imagem do Deus único e verdadeiro revelado por Jesus? Ainda mais, não estaria distorcendo a imagem do ser humano e da própria história, que já não teria um horizonte utópico, mas distópico? O objetivo deste trabalho é uma análise dialética entre o Reino de Deus e o anti-Reino, como a apresenta J. Sobrino, e verificar se o anti-Reino com seus ídolos não desvirtuam o sentido da história.

Palavras-chaves: Cristologia; Idolatria; Distopia; Reino; Anti-Reino

Abstract

A theme that pervades the pages of the Old Testament, especially of the prophetic books is the denounce against the idolatry. All the times the People drove away from the Covenant with the only and true God for injustice and oppression over the poor, the Prophets' voices raised and showed that instead a cult to the God of life, what Israel was undertaking was a cult to the idols of cruelty and death. The same dynamic happened to Jesus of Nazareth's life who was offered as victim of a macabre ritual – the death on the cross – while teaching and realizing the true adoration of God, the Father (Joh 4:24; Mat 25:31-46). However, with his life and especially with his death, Jesus of Nazareth unmasked and defeated over idolatry and placed the human being on a utopic horizon: the announcement of God's Kingdom. The most important idol unmasked by Jesus was *mamon*: “You cannot serve both God and money” he states stonily (Mat 6:24b). Would not *mamon* be being revered nowadays? Would not it be being set in God's place? Would not it be untwisting the image of the only and true God? Even more, would not it be untwisting image of human being and the history itself once there was no utopic horizon, but a dystopic one? This paper intents to analyze the dialectic between God's Kingdom

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

† Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – São Paulo/ SP (2008). Atualmente, aluno do programa de Doutorado da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte/ MG. Bolsista CAPES.

and the anti-Kingdom, as J. Sobrino presents it, and verify if the anti-Kingdom and its idols do not pervert the direction of history.

Keywords: Christology; Idolatry; Dystopia; Kingdom; Anti-kingdom

Introdução

Não é incomum se encontrar com a seguinte afirmação: o ateísmo é a maior ameaça para a fé cristã. Entretanto, ela continua valendo na atualidade? Vários autores identificam a Pós-modernidade, ao contrário da Modernidade, como uma época sumamente espiritualizada. Portanto, não é possível dizer que o ateísmo, seja em sua complexa vertente teórica ou em sua vertente prática, marque profundamente o pensamento do século XXI como chegou a marcar – se não até determinar! – o pensamento tardio do século XIX.

E a fé cristã? É o século XXI cristão? Tampouco. O que coloca em risco a fé cristã na atualidade? Já não se pode dizer que é o ateísmo. Não seria a idolatria, como intui e apresenta J. Sobrino, o maior risco para a fé no Deus único e verdadeiro revelado por Jesus de Nazaré? O autor apresenta sua reflexão no livro “Jesús el liberador” (1994) a partir da relação dialética que existe entre o Reino de Deus anunciado e vivido por Jesus e o anti-Reino presente no mundo, identificado sobretudo como injustiça para com os empobrecidos.

Não somente J. Sobrino, também F. Hinkelammert, J. M. Sung e H. Assmann insistem que a idolatria dos dias atuais está direcionada a *mamon*, especialmente em suas manifestações como mercado e acúmulo de capital (BERNARDES, 2018, p. 219-237).

É clara a ideia de que a idolatria distorce a verdadeira imagem de Deus, até mais a idolatria coloca no lugar de Deus um ídolo que não promove vida, mas um sacrifício cruel e macabro de seres humanos empobrecidos. Se há distorção da imagem de Deus, também há distorção da imagem do ser humano – isso é claro! Mas a idolatria, tão presente na atualidade, não distorceria também a história? No lugar de apresentar a utopia, a idolatria não resultaria em distopia?

Em tempos sombrios, não são poucos os cenários distópicos que já delineiam o horizonte. A partir do aprofundamento da relação dialética entre Reino e anti-Reino apresentada por J. Sobrino, assim como na relação dialética entre a fé no Deus único e verdadeiro revelado por Jesus e a idolatria de *mamon*, pretende-se estabelecer também uma relação dialética entre a utopia, entendida como anúncio

do Reino de Deus, e a distopia de tempos sombrios, entendida como distorção da história.

1 A relação duélica (não só dialética!) entre o Reino de Deus e o anti-Reino presente na história

A revelação de Deus levada a cabo por Jesus de Nazaré se dá mediante o anúncio do Reino de Deus. Os destinatários privilegiados desse anúncio são os pobres, os prediletos de Deus. Tal destinação do anúncio pode ter causado escândalo aos ouvintes, especialmente aos opositores de Jesus: se o anúncio do Reino tem prediletos, tem também aqueles que são rejeitados. Esses são os ricos e opressores, que tornam real a injustiça na história.

Os ricos, embora não apareçam comumente como adversários diretos de Jesus, estão certamente muito presentes em suas denúncias. “Ai de vós, ricos!” (Lc 6,24). Eis aqui uma denúncia absoluta dos ricos e de sua riqueza, que não pode ser de modo algum suavizada. (...) Riqueza não significa aqui a abundância de bens, ocasionalmente abençoada por Deus no AT, mas – por implicação – abundância insultante de uns em contraste com a pobreza desumana de outros. Se com o termo “abundância” se descreve uma bênção no AT, com o termo “riqueza” se descreve uma maldição no NT, e Jesus explica de diversas formas o que ontem como hoje soa como paradoxo: que a riqueza seja uma maldição (SOBRINO, 1996, p. 254-255).

Entretanto, ainda há *algo mais* que só pode ser extraído pela reflexão em torno à práxis histórica de Jesus de Nazaré. O que é último para Jesus? Evidentemente ele não é último para si mesmo, mas também não é possível afirmar que o último para Jesus seja simplesmente Deus. O centro e estrutura de toda a pregação de Jesus é o Reino de Deus que estava próximo (Mc 1,15). Logo, o último para Jesus é o Reino, entendido como relação concreta e salvífica de Deus com a da humanidade (*Idem*, 1982, 133).

Supera-se, assim, uma linguagem genérica sobre a salvação, portanto também é fundamental superar a linguagem genérica acerca de Deus. Quem é Deus para Jesus de Nazaré? Ainda que em sua vida, não seja possível identificar uma doutrina teológica, mediante sua práxis é possível sustentar que seu Deus é o Deus da vida. Se por um lado, se pode conhecer o Deus de Jesus Cristo como o Deus da vida por sua transcendência em relação ao mundo – ele é o Deus criador –, por outro lado, se pode conhecê-lo pela sua proximidade histórica, especialmente quando dá a vida aos empobrecidos – ele é o Deus bom e misericordioso (*Idem*, 1996, p. 203-207).

Essa noção fundamental deixa claro que Deus é para Jesus um mistério no sentido mais estrito – transcendência e imanência, poder criador e bondade. Ainda que seja quem se aproxima e dá a vida aos empobrecidos, Deus permanece sendo o mistério insondável, como oração do próprio Jesus revela (Lc 22,42). Ele encontra o sentido de sua vida em estar totalmente disponível a esse mistério e à realização de sua vontade (*Ibidem*, p. 211).

Sua noção de Deus está intimamente ligada à própria experiência *teo-logal*. Trata-se de uma experiência concreta, que se realiza em mediações históricas e o abre à transcendência divina. A principal mediação histórica feita por Jesus é a do amor que se converte em serviço; amor que se torna doação. Logo, a existência de Jesus se converte em uma constante doação de si mesmo. Dar vida é dar a própria vida em favor dos demais; Jesus não é só pré-existente, ele é *pró-existente* (*Ibidem*, 200-202).

Vida para Jesus tampouco possui uma conotação genérica, mas é mediação de Deus, da santidade absoluta, daquilo que não pode ser manipulado, que se deve servir e que jamais pode ser usado para interesse próprio. Vida, portanto, é o que é dado e o que se deve dar, especialmente para aqueles que não a tem; a vida é para Jesus salvação daquele que se vê privado do mínimo, o empobrecido (*Ibidem*, p. 196-197).

A fidelidade histórica de Jesus – a fidelidade ao Reino – na prática do amor aos seres humanos é fidelidade ao mistério de Deus. A forma correspondente desse mistério último, o mistério de Deus, é a filiação: o Deus da vida é o Pai de Jesus. Essa convicção de sua bondade, permite a afirmação de que Deus é digno de confiança. À fidelidade total ao mistério de Deus corresponde a confiança plena no Pai que é bom. Essa bondade não pode ser compreendida em uma relação de contraposição entre Deus e a humanidade, como o fizeram os opositores de Jesus: Deus não tem ciúmes dos seres humanos, pelo contrário, os seres humanos são o mais importante para Deus (*Idem*, 1996, p.218-219).

Contudo, o que mais chama a atenção na revelação de Deus por Jesus de Nazaré, o Deus da vida, o Pai misericordioso e bom, é o fato de que ela não acontece sobre uma *tabula rasa*, mas em meio a circunstâncias históricas concretas de pecado, especialmente de pecado contra os empobrecidos e pequenos deste mundo. A presença do anti-Reino (mediação) e dos ídolos (mediadores) faz com que Jesus de Nazaré (mediador) e o Reino (mediação), mas também o Deus de Jesus

de Nazaré (absoluto) não estabelecem somente uma relação dialética, mas uma verdadeira relação duélica. Trata-se da estrutura *teo-logal-idolátrica* da realidade (*Idem*, 1996, p. 241).

2 A idolatria

Jesus, em sua práxis histórica a favor da humanidade, está contra os ídolos, que, não poucas vezes, podem ser chamados de ídolos da morte. O culto ao Deus da vida produz vida, o culto aos ídolos da morte, morte; com isso, já se apresentaria a compreensão para a morte violenta de Jesus: com o afã de defender os ídolos da morte, seus contemporâneos o condenaram à morte em um culto. Quem defende o Deus da vida passa pela morte (*Ibidem*, p. 159).

Não obstante, há perguntas que não podem ser deixadas de lado: os ídolos da morte que condenaram Jesus de Nazaré à morte são os mesmos da atualidade? Ainda há ídolos que condenam homens e mulheres deste tempo à morte? Infelizmente, a resposta é sim. Mas quem são esses ídolos?

Mesmo que a Teologia, especialmente a partir da Modernidade, tenha refletido amplamente sobre o ateísmo – a existência ou a não existência de Deus –, a pergunta pela idolatria é primigênia pelo fato de que existem sacrifícios idolátricos, existem vítimas. Já não se trata somente de uma questão pragmática, mas de uma exigência práxica (*Ibidem*, p. 268-271).

J. L. Sicre, em sua obra *Los dioses olvidados*, aponta que o esquecimento da idolatria e dos ídolos nasce de ingenuidade: a contraposição da proibição do uso de imagens em Israel e seu uso no paganismo. A idolatria, portanto, permaneceu circunscrita dentro de um contexto religioso e já não haveria mais sentido de falar sobre ela em um mundo secularizado. Contudo, uma leitura atenta dos textos proféticos do Antigo Testamento mostra que os ídolos não pertencem somente ao culto, mas às relações de justiça (SICRE, 1979, p. 84).

Quem são as vítimas da idolatria? A partir do livro do profeta Amós, é possível identificar grupos sociais que eram vitimados:

- as criadas (2,7): ainda que não seja possível afirmar com que frequência, mas o profeta deixa registrado que as famílias abastadas possuíam uma ou mais e que elas eram abusadas sexualmente; já não se trata de casos isolados, mas do abuso realizado pela condição humilde das criadas;

- os necessitados (2,6; 4,1; 5,12; 8,4.6), os humildes (2,7; 8,4): não se pode determinar exatamente a que classe pertenciam esses indivíduos, mas o profeta

deixa claro que havia aqueles que eram oprimidos na cidade (Samaria) pelo peso das cargas dos tributos e aqueles que eram oprimidos nos campos porque se viam obrigados a abandonar parte de sua produção em forma de impostos exigidos pelos dirigentes sociais;

- as pessoas de escassos bens (2,7; 4,1; 5,11; 8,6): em concordância com outros dados da Escritura (Ex 30,15; Lv 14,21), esse grupo não pode ser considerado indigente, pelo contrário gozavam de pleno direito, mas tinham que sacrificar sua vida trabalhando e corriam sempre o risco de perder sua independência.

Tão ingênua quanto o esquecimento da idolatria, seria a transposição direta da denúncia profética à atualidade. Os profetas possuíam uma concepção sacra das relações de poder, que foi superada pelo Novo Testamento.

Porém, a idolatria não pode ser pensada somente em um contexto do culto, como já se mencionou mais acima. O perigo de divinizar a criação nasce do coração humano (*Ibidem*, p. 84). Mas há algo mais urgente na atualidade: os ídolos devem ser desmascarados porque existem vítimas. Dentro dessa urgência se compreende a práxis histórica de Jesus de Nazaré, que desmascara os falsos ídolos.

Esse repto foi assumido não só por teólogos e teólogas, o magistério eclesial latino-americano, no documento final de Puebla, enfatiza que há realidades históricas que atuam contra o Deus de Jesus de Nazaré, o Deus vivo (405, 491, 493, 497, 500). O documento até dá exemplos e hierarquiza essas realidades históricas: destaca especialmente a riqueza e o poder político como aquelas realidades criadas que mais vítimas fazem (27,50).

Sem querer forçar o texto bíblico, mas há uma proximidade grande entre a denúncia do profeta Amós e as denúncias da Igreja latino-americano, sobretudo quando identificam a riqueza e o poder político como aquelas realidades históricas que mais vitimizam e se convertendo, portanto, em ídolos.

A idolatria não pode ser vista somente como perversão ética, mas também é uma perversão *teo-logal*. Deve-se de falar em ídolos em sentido próprio, não somente em sentido figurativo da expressão, como deuses da morte. A Teologia latino-americana da libertação não se cansou – e não se cansa! – de denunciar o culto idolátrico que ceifa a vida de milhões de homens e mulheres, seja por uma morte rápida, como aconteceu no passado quando populações indígenas foram dizimadas e milhões de africanos foram trazidos como escravos para o continente,

seja por uma morte lenta, como acontece nas periferias das grandes cidades. Tanto no passado como na atualidade, a morte das vítimas da idolatria é marcada pela violência brutal (SOBRINO, 1996, p. 271-276).

3 Utopia x distopia

Comumente, a ideia de *utopia* está associada à Filosofia Marxista e ao Neomarxismo da Escola de Frankfurt; também se considera suas raízes no pensamento greco-romano e no Renascimento. Entretanto, *utopia* é uma ideia importante para a Teologia latino-americana da Libertação, principalmente quando os autores refletiam sobre o Reino de Deus e sua presença na história.

Ainda que na atualidade não se fale mais de *eutopia*, isto é, a imagens de ordenamentos bons e ideais, sua noção contrária – a *distopia* – tem se feito cada vez mais presente, especialmente no mundo do entretenimento. Nos últimos trinta anos, diversos filmes e seriados televisivos apresentam um futuro distópico e como seria a sobrevivência da humanidade e da vida nesse cenário.

A *distopia*, entretanto, surgiu um pouco antes na literatura: na primeira metade do século XX. Surgiu como figura de linguagem que denota ameaça e advertência diante do Totalitarismo. Um bom exemplo de publicação distópica é a obra “1984” de G. Orwell (OTTMANN, 2001, p. 500). Essa *distopia* das obras de ficção – como na trilogia “Jogos Vorazes” de S. Collins – também não deveria ser refletida teologicamente?

Uma alternativa para essa reflexão é levar a sério a presença de ídolos e o culto a eles rendido – a idolatria – na sociedade contemporânea, como anteriormente se apresentou. A *utopia*, como acentuaram os primeiros autores socialistas, se refere a um ideal para a história, no qual se proclama a renovação das relações interpessoais e, conseqüentemente, das comunidades e da sociedade. Até se pode dizer que a *utopia* carrega em si algo de ingenuidade porque o ideal de sociedade aspirado seria uma sorte de espelho, no qual uma sociedade real se refletiria (OTTMANN, 2001, p. 501).

Não obstante, como já foi mencionado, o ideal não se encontra sozinho na história. O anti-ideal também está presente e atuante na história; ainda mais, ele não está somente estabelece somente uma relação dialética com o ideal, mas uma verdadeira relação duélica contra ele. Refere-se aqui, claramente, à distopia, uma imagem distorcida – por que não retorcida? – da realidade que está em relação duélica contra a utopia.

A mesma reflexão pode ser feita a partir do Reino de Deus, anunciado e levado a cabo por Jesus de Nazaré em sua Páscoa. O Reino é utopia porque dá sentido, isto é, orienta a história. Esse sentido da história se entende a partir do fato de que a opressão não vai se impor sobre a libertação; a força do verdugo vencerá a das vítimas, sobretudo as vítimas inocentes.

Ademais, é preciso sustentar que a *utopia*, em Jesus de Nazaré, deixa de ser *não lugar*, para se tornar *lugar* – ele mesmo é o lugar da *utopia* histórica, porque ele, a vítima morta injustamente não sucumbiu diante do carrasco. Ao contrário do que apresentou T. More ao dizer que *utopia* seria uma espécie de “piada do Humanismo”, a *utopia* cristã se tornou realidade na Ressurreição de Jesus. Nesse evento, que aconteceu dentro da história, mas que se trata de um evento escatológico, Deus conduziu a história à sua máxima positividade e totalidade (SOBRINO, 1999, p. 69-71).

Contudo, é preciso cautela para não restringir a reflexão sobre a *utopia* única e exclusivamente a partir da Ressurreição, esquecendo-se de que aquele que ressuscitou dos mortos – o mediador do Reino – é o mesmo que foi morto pelos mediadores do anti-Reino em uma cruz (*Ibidem*, p. 41-43). A morte de Jesus na cruz, como também já foi apresentada, pode ser identificada como um ritual idolátrico macabro.

Nesse sentido, antes da realização total da história na Ressurreição de Jesus, o que seus discípulos vivenciaram foi uma realidade distópica; na cruz o que se viu não foi a vitória do Reino, mas o triunfo do anti-Reino. O anúncio feito por Jesus ao longo de sua vida, na cruz não se mostra realizado, mas, sim, distorcido, retorcido (Is 52,2).

A presença dos ídolos, a idolatria e o anti-Reino não só distorcem a imagem do Deus verdadeiro e dos seres humanos, mas distorce – retorce! – a própria história. A história perde seu sentido e se encontra com seu fracasso absoluto. Talvez um exemplo que ilustre esse fato – a presença dos ídolos e do anti-Reino – é a realidade daqueles de que as vítimas da história se convertem em culpados pelo fracasso da história. A *distopia* inverte os significados dos sujeitos históricos.

Conclusão

Em tempos sombrios, a humanidade se encontra diante de um futuro que mais se delinea distópico que utópico. Os excessos provocados pela racionalidade instrumental analítica desenvolvida pela Modernidade já apontam para o

esgotamento dos recursos do planeta e o sofrimento de milhões de ser humanos que se verão condenados à pobreza e à miséria.

O cuidado para com os empobrecidos é urgente, eles urgem por defesa, a distorção histórica – *distopia* – provocada pela idolatria insiste que eles são os culpados dos males históricos e devem padecer a exclusão e, não poucas vezes, a morte violenta. Essa realidade não deve ter mais cabida no século XXI.

Essa distorção distópica condena a história, não lhe oferece sentido, como a *utopia*, mas fracasso, frustração, sem sentido e absurdo. Torna-se mister, portanto, resgatar o anúncio e a realização do Reino de Deus como *utopia* possível, especialmente porque ela tem um lugar histórico concreto, Jesus de Nazaré.

A fé em sua ressurreição desperta a esperança contra toda esperança (Rm 4,18) das vítimas inocentes da história (*Ibidem*, p. 53-60). Ele se solidarizou com todas as vítimas da injustiça histórica, todas as vítimas da *distopia* e, por isso, foi capaz de vencer o verdugo, ele não realizou somente a conciliação do que era distinto, mas pela força de sua pobreza reconciliou em si mesmo todas as coisas (2Cor 5,18; Cl 1,20).

Referências Bibliográficas

BERNARDES, M. A nova “idolatria” católica. *Pensar – Revista eletrônica da FAJE*, Belo Horizonte, v. 9, n.2, p. 219-237, dez. 2018.

UTOPIE. In: OTTMANN, HENNING. *Lexikon für Theologie und Kirche – 10. Band. Freiburg: Herder, 2001, p. 500-501.*

SICRE, J. L. *Los dioses olvidados*. 1ª ed. Madrid: Ediciones Cristiandad. 1979.

SOBRINO, J. *Jesús en América Latina*. 1ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1982.

SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOBRINO, J. *La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas*. San Salvador: UCA Editores, 1999.